



A APOSTA

(Entra a personagem Albino. Tem um ar abatido e hesitante. Dirige-se à boca de cena onde fica a até ao fim do monólogo):

ALBINO: Já passou algum tempo. Fez agora um bom par de anos na última Sexta-Feira Santa. Nunca falei disto a ninguém. Tem-me faltado a coragem, ou a oportunidade... (PAUSA) Ninguém teve culpa, ninguém teve culpa, dizia na altura em toda a aldeia. Mas eu sei de quem foi a culpa... E não consigo aguentar isto cá dentro por mais tempo... Tenho de contar... tenho de falar ou então rebento!

O meu amigo Chico, o Chico da Viúva, era um pândego. “Querem apostar?”, perguntava ele, invariavelmente no mesmo tom de voz, risonho e animado, para depois concluir: - “*Então está tudo apostado!*”

E era isto, por dá cá aquela palha. Apostava por tudo e por nada. E a dinheiro. Era assim que ganhava a vida. E o que é certo é que ganhava quase sempre as apostas que fazia com toda a gente da aldeia, Com o carteiro que, quando o via, vinha logo de mão estendida à espera da aposta daquele dia, com o padre Antunes, tão velho que já não tinha idade, mas robusto naquele aperto de mão e sóbrio nas palavras, ainda com sotaque de outras bandas: - “Apostar ainda é pecado, que eu me lembre. Mas tu não sabes fazer outra coisa!!! *Está apostado, pois claro. Está apostado, seja lá o que for...*” E lá seguia o seu caminho, porque havia sempre gente a precisar dele.

(O TOM DE VOZ FICA MAIS ANIMADO) – Ele era que ia chover no dia seguinte, que o sol talvez se soltasse das nuvens e brilhasse antes de pôr, que narceja ainda chocava os ovos antes do fim da Primavera, que naquele ano as andorinhas iam partir mais cedo, que o sacristão ia esquecer-se de badalar o sino para a missa de Domingo, que a criançada toda ainda ia apanhar piolhos, só por brincar com o Zé Cigano... Que, imaginem só, a última folha da árvore mais alta do Largo ia só cair depois do mês de Novembro... E nunca, mas por nunca ser,

Menção honrosa



tinha o Chico apostado sobre o mesmo assunto, preocupando-se em mudar sempre de tema para não cansar ninguém e para tornar a existência mais animada.

Era por demais sabido que aquilo era um vício, um hábito, uma mania que lhe tinha ficado do pai, um taberneiro de bom coração, gordo como convém a todos os da profissão. Calmo, porque era alentejano e com todo o tempo do mundo para a gente que pousava durante as tardes na taberna refrescada pela sombra de dois sobreiros que nunca tinham dali sido arrancados. Nem quando o progresso decidiu, em tempos idos, que ali ficava bem uma taberna, mesmo no largo principal de Monte Novo.

(PERDE O AR DE QUEM DIVAGA E REGRESSA AO TEMA DA CONVERSA) – Tinha regras o meu amigo Chico. Para além de nunca teimar sobre a mesma matéria, também nunca apostava com a mesma pessoa durante a mesma semana e, se porventura, perdia nas suas postas, pagava de imediato, tendo ganho assim, durante anos, a confiança e a amizade dos seus conterrâneos. O Cabo Borges, comandante do posto de Monte Novo, que albergava quatro soldados (dois patrulhas nos dias pares, os outros nos dias ímpares) nunca o admoestara, mesmo sabendo que tais jogos eram uma violação à lei. Também ele, semanalmente, muito em segredo, mantinha a sua aposta habitual com o Chico da Viúva. Ora porque o cavalo ia coxear, ou porque não ia, ou porque a patrulha ia chegar a tal hora, ou por isto, ou por aquilo...

(PAUSA) – Solteiro desde sempre, nunca se dera ao trabalho de conhecer mulher. Vivia com a mãe, a viúva do taberneiro, a Ti Estrudes, que dava conta da tasca como se homem fosse, porque já desistira de convencer o filho a seguir as pisadas do pai. Ele não queria, não queria. Enquanto ela pudesse, estava ali para o que fosse preciso. Quando não estava a aviar uns copos de vinho, entretinha-se na mercearia ao lado que também era deles.

(BAIXA O TOM A VOZ, NUMA ATITUDE MAIS INTIMISTA) – Eu era assim a modos que o seu único amigo verdadeiro. Tinha muitos, mas verdadeiro, verdadeiro era só eu. É por isso que isto ainda me custa mais. Crescemos juntos e lembro-me dele desde que dei por mim como gente. Éramos como irmãos. Só não tínhamos sido paridos pela mesma mãe. De resto... Eu também não tinha estudado ou saído da aldeia.

Menção honrosa



(VAI SUBINDO GRADUALMENTE O TOM) – Entretinha-se na padaria do meu pai e, enquanto pudesse, preocupava-me apenas com ribeiro que ora levava água, ora não levava, o que iria influenciar a procriação de carpas e pardelhas, que ora subiam ou não subiam ao Açude do Meio, animava-me com os coelhos, com os estorninhos, as perdizes e os saca-rabos, que nem sempre eram bem recebidos por quem gostava de caçar. Ajudava o meu pai durante a noite, dormia um bocado de manhã, mais ou menos até à hora do almoço, saía de casa, passava pelo Largo, dava dois dedos de conversa com os velhos que ali se encontravam a gozar as reformas, voltava a casa, almoçava e ia ter com o Chico. **(PAUSA)**

E se o Chico era assim bem-disposto, amigo do seu amigo, apostador inveterado, aparentemente capaz de apostar sobre toda a matéria inerte ou em movimento, visível e invisível, havia uma coisa que o fazia tremer dos dedos dos pés aos cabelos aloirados do cocuruto da cabeça. Umazinha só, que o Chico temia e que nunca usava como tema das suas apostas. Falar nisso era o mesmo que vê-lo de suores frios e com vontade de fugir para um sítio qualquer onde ninguém o visse. E todos os da aldeia sabiam disso. Todos mesmo, dos mais pequenos aos maiores. E os amigos, por respeito aos seus temores, nunca falavam no assunto.

(FALAVA QUASE NUM SUSSURRO) – O Chico tinha pavor de cemitérios. Nunca lá entrava, nem no funeral das pessoas de família. À igreja ainda ia, mas acompanhar o caixão até mesmo junto á cova, isso não era capaz. Andava quase sempre esquecido desta sua avaria. Era ele que lhe chamava assim: - *“Uma avaria que não tinha arranjo”*. Mas houve um dia que não foi igual aos outros. Foi numa Páscoa, faz agora anos. Nas vésperas de uma Sexta-Feira Santa. Em vez de ser ele a desafiar os outros para as apostas, fora o Gervásio, o espertalhão cá do sítio, que lhe fez uma proposta. O tira-teimas mais terrível que lhe podiam arranjar. Apanhou-o assim como não quer a coisa, encostado a uma árvore do Largo, e lançou-lhe o desafio, quase em segredo, num sussurro provocador, quase lânguido: *“- Não és capaz de entrar no cemitério à meia-noite. Vai uma aposta?”*



Apanhado de surpresa, nem lhe respondeu. Encolheu os ombros, sentindo logo as pernas a tremelicar, segundo me contou outro dia. *“Queres apostar ou não?”*, gritou-lhe o outro do meio do Largo, com as mãos nas ancas, em atitude de desafio. E o Chico virou-lhe as costas completamente perdido. **(PAUSA)**

No dia seguinte, era Sexta-feira santa, dia do Enterro do Senhor, feriado na aldeia havia muitos anos, desde o tempo do Regedor. As mulheres passavam a manhã na igreja nos preparativos para a procissão e os homens, ou no largo ou na tasca, punham as conversas em dia. E estava um belo sol para isso. A noite é que iria estar fria. Já era costume nesta altura. E quem por ali passasse só ouvia falar do mesmo: que o Chico tinha recusado uma aposta. Mais cedo do que o costume, fui ter com ele à esquina da igreja e fomos os dois à taberna da viúva. E, esta que era mãe do mesmo filho há muitos anos, notou nele qualquer coisa fora do normal. – *“Então o que é, Chico? Estás com os azeites? Conta lá à tua velhota. Arranjou mil desculpas: - “ Sei lá mãe, dormi pouco... Estou preocupado com a procissão... Amanhã é Sexta-feira Santa e a banda ainda não ensaiou a Marcha...”*. – *“ Mas desde quando é que tu te preocupas com os ensaios da banda?”*, tornou-lhe a mãe, apoquentada... *“Deixa isso para o Mestre Jerónimo, que ele sabe bem o que anda a fazer...”*

Já sem ouvir a mãe, puxou-me lá para fora e disse-me: - *“Há uma coisa que me anda cá a atazanar a móina e que me deixou esta noite sem dormir”*.

– *“E o que é?”*, perguntei eu.

- *Aquela história dos cemitérios e do meu pavor de lá entrar... Fiquei pior desta minha avaria... O Gervásio quer acabar com esta a minha fama de valentão e com esta minha maneira de me dar com os outros. Imagina tu que ele apostou comigo que eu não era capaz de lá entrar... E anda a contar a toda a gente que eu recusei...”*

E foi aí, que ao vê-lo tão abatido, lhe disse: - *“ Mas tu não recusaste coisa nenhuma... Tu só estás é a pensar no assunto...”* Olhou para mim, assarapantado. E disse-lhe com algum entusiasmo: *“Ora ouve: tu não precisas de entrar no cemitério à meia-noite. Vai falar com ele e diz-lhe que apostas, sim, mas de maneira diferente.”*

Menção honrosa



- “Como”?, perguntou, cada vez mais confuso.

- “Apostas com ele que és capaz de espetar um prego no portão do cemitério à meia-noite em ponto. E ele que vá lá no outro dia, para ver se ele lá está. Nem sequer tens de entrar no cemitério... E, depois, repara no que o povo vai dizer: “Sexta-feira Santa, à meia-noite, o Chico da Viúva ganhou mais uma aposta, a aposta mais bem ganha da sua vida: espetou um prego no portão do cemitério!” É o suficiente para recuperar o respeito de todos e até do tonto do Gervásio!” Convenci-o. **(PAUSA)**

O Chico deitou-se vestido, depois da procissão. Tinha o martelo e o prego e o martelo na mesinha de cabeceira. Na gaveta, para não despertar as atenções da mãe, que ia lá todas as noites deixar um copo de água. Ouviu o quarto para a meia-noite no relógio da igreja, levantou-se de um salto, enfiou um capote que a noite estava enlugarada e fria e pôs-se a caminho. Preocupado com ele, e para lhe dar apoio caso ele recuasse na altura certa, cheguei primeiro que ele recuasse na altura certa, cheguei primeiro que ele e escondi-me atrás dum arbusto.

(COMEÇA A FALAR MAIS PAUSADAMENTE, COMEÇANDO A REVIVER A CENA) – Apareceu devagar, com passos curtos, junto do portão de ferro que separava os mortos dos vivos. Olhou para um lado e para outro e apontou o prego mais ou menos à altura do ombro direito, segurou-o firmemente com a mão esquerda e, com a outra, apontou o martelo. Foram doze as badaladas. Doze as pancadas para enterrar por completo o prego, até à cabeça, naquele portão maldito. Pareceu respirar de alívio. A aposta estava ganha.

- “Já não lhe faço falta. Nem ele precisa de saber que eu aqui estive...”

E fui para casa, tomando um caminho mais longo, para não me encontrar com o herói daquela Páscoa. **(PAUSA LONGA)**

Era cedo naquele Sábado. Cristo ainda estava na cruz e o sossego da aldeia que devia ser mantido até à Missa de Aleluia, a começar à meia-noite em ponto, foi quebrado violentamente por Gervásio.



Vinha dos lados cemitério, esbaforido. Bateu às portas todas da aldeia, aos gritos que tinha acontecido uma desgraça. Aos poucos juntou-se a população toda no Largo e ele conduziu-a até ao portão do cemitério. À frente, com ele, ia eu, mais branco do que a cal da parede. Quando lá chegámos, nem queríamos acreditar. Morto, caído no0 empedrado, ainda pendurado pelo capote que tinha ficado com a aba espetada no portão, estava o meu amigo Chico da Viúva.

Veio o médico logo a seguir. Ajoelhou-se, abriu a maleta, tirou o estatoscópio e no meio de um silêncio impressionante auscultou-lhe o peito. Dando um suspiro, abanou a cabeça, levantou os olhos para a multidão que aguardava, ansiosa, e informou: “- *Ataque cardíaco.*” **(PEQUENA PAUSA)** E sem querer, motivado sabe-se lá porquê, acrescentou num tom de voz mais animado:

- “*Querem apostar?*”